

Franklin Cascaes: uma cultura em transe

*Evandro André de Souza**

*"Entre o olho e a coisa cai a
sombra, e essa sombra, B.J.,
é a palavra pré-gravada".*

William S. Burroughs

Resumo

Este escrito mostra o andamento de uma pesquisa acerca da obra de Franklin Cascaes e da cultura das comunidades pesqueiras da Ilha de Santa Catarina.

Unitermos: Franklin Cascaes, cultura popular, oralidade, representação

1 Artista-folclorista-cidadão

Nos meios acadêmicos, certamente, muitas pessoas já devem ter ouvido falar da obra do artista e folclorista Franklin Cascaes¹, nome que possui uma posição fundamental nas artes

* Evandro André de Souza, graduado em História, em 1994 pela UFSC, onde atualmente cursa mestrado também em História.

¹ Artista-folclorista local, nascido em 1908 no município de São José, morto no ano de 1982 em Florianópolis. Durante parte da sua vida (de 1946 até a sua morte), movido por um sentimento de amor a sua terra, desenvolveu uma enorme pesquisa antropológica/histórica/social/cultural acerca dos hábitos, crenças, costumes dos moradores-pescadores da Ilha de Santa Catarina e de parte do litoral catarinense. Seus registros como objetivação pública, possuem a caracte-

plásticas catarinenses, e que desenvolveu uma obra muito valorizada tanto pelo seu caráter estético em si como pela sua característica de estar profundamente impregnada de elementos que retratam a cultura da Ilha de Santa Catarina.

A trajetória e o interesse do artista em retratar a cultura do ilhéu começa por volta de 1946, ano no qual se cria um sentimento geral de valorização da cultura litorânea catarinense.² Imbuído deste sentimento o artista dá início a uma vasta obra artística que tinha como função principal o registro dos hábitos, dos medos e dos costumes do povo ilhéu, tornando-os visíveis à população produtora daquele saber.

De forma didática,³ o artista fazia uso da arte como seu principal método de trabalho, infiltrava-se entre a população com a naturalidade de nativo que era, preocupando-se em anotar e observar tudo com a seriedade de um antropólogo para, posteriormente, em sua oficina, transformar todas estas informações em arte.

rística particular de comunicar não apenas com a técnica verbal escrita, mas também valoriza a recriação das informações através da escultura, desenhos, pinturas e maquetes confeccionadas por ele em sua oficina.

² Este fenômeno de valorização da cultura do homem litorâneo tem relação direta com a política das elites estaduais de representar Santa Catarina como um estado luso-brasileiro, em contraposição à antiga representação do homem germânico vinculado ao Vale do Itajaí. Maria Bernadete Ramos Flores em sua tese de doutorado intitulada *Teatros da vida, cenários da história. A farrá do boi e outras festas na Ilha de Santa Catarina – Leitura e Interpretação*, trata brilhantemente, no terceiro capítulo, a questão da invenção da figura do açoriano. Em função deste debate discursivo pela instituição do açoriano como representante do homem catarinense, diversos acontecimentos promovidos pelas elites intelectuais e políticas tiveram repercussão, citemos o “Primeiro Congresso Catarinense de História” realizado em 1948.

³ A afirmação da preocupação do artista em dar um caráter didático a sua obra, vincula-se às pesquisas efetuadas pelo mestrando, quando da leitura das cadernetas de anotações do próprio Franklin. Nelas, o artista deixa claro que sua intenção discursiva tem como função ensinar, garantir a preservação da cultura da Ilha, para que as futuras gerações tenham acesso as suas tradições.

Franklin Cascaes entrega seu espírito, sua percepção artística, na busca de soluções plásticas ideais que interajam diretamente com o meio social, registrando tanto os elementos visíveis do dia-a-dia como a condição invisível do mito. Foi o primeiro estudioso a tratar formalmente saberes que, até então, eram apenas narrados pelos mais velhos em conversas restritas, pertencendo apenas ao domínio da tradição oral. Ao retratá-los, o artista dá forma plástica ao imaginário fantástico das colônias pesqueiras da Ilha de Santa Catarina, transformando-se no agente criador da imagem simbólica representativa do mito.

Em palestra proferida, em 1993, ao Programa Especial de Treinamento do curso de graduação em História da UFSC, Ana Maria Becker, referindo-se a obra de Franklin Cascaes afirmou categoricamente que: "...Cascaes documentou via arte e é por aí que ele tem que ser entendido, pois este processo é uma forma de entendimento da realidade..."⁴

Foi via arte, intermediada através da imagem e da forma, que o artista-folclorista deu forma plástica ao mito, porém, convém salientar que Franklin Cascaes não apenas promoveu a recriação da mítica ilha, mas, como sujeito, ele próprio viveu o imaginário.

O artista-folclorista comprova aquilo que afirmamos acima, ao relatar em trechos de um dos seus cadernos de anotações, datado de 1964, a sua insatisfação de viver no mundo material em contraste com a sua crença no imaginário.

...viver a mitologia prá mim é necessidade, porque já sofri bastante neste mundo de verdade...⁵.

⁴ Ana Maria Becker é Profa. Dra. do curso de Ciências Sociais da UFSC. Desenvolve pesquisas nas áreas culturais e de relações de gênero. Foi de sua autoria o prefácio do livro de Raimundo Caruso, intitulado *Franklin Cascaes e a colonização açoriana: vida e arte*.

Além da citação acima, encontramos no mesmo caderno outro trecho similar ao primeiro, datado igualmente de 1964:

...viver a mitologia prá mim é muito importante. Este mundo de verdade tem me prejudicado bastante. Ver o bicho lobisomem, ouvir bruxas cantar fado, ver o boitatá cortar os áres: Ah... é isto um grande achado...⁶

Mas qual seria a importância, no interior da nossa reflexão, da evidência de que Franklin Cascaes, além de recriar o imaginário o vivesse como realidade? Acreditamos que foi a partir da crença no mito e, acima de tudo, na sua consciência de que a única forma de garantir a tradição para as gerações futuras seria desenvolver uma técnica narrativa que, além de se responsabilizar pela manutenção, via arte, da bagagem cultural ancestral encarregar-se-ia de transformá-la em representação.

Em carta datada de 22/06/61, destinada ao Prof. Oswaldo Machado, Franklin Cascaes o convida para uma série de exposições pelo interior da ilha. Segue um recorte da carta: esta exposição "...é referente ao seu folclore, para despertar na inteligência do nosso interiorano o valor cultural, moral e intelectual que nossos antepassados nos legaram..."⁷

Neste momento Franklin Cascaes deixa de lidar com a experiência cultural local, passando a formular, a partir dela, um discurso acerca da realidade cultural das comunidades pesqueiras da Ilha de Santa Catarina. Desta forma, refletir a obra frankliniana significa observar sua técnica de objetivação, relacionada à sua capacidade individual de remodelar a tradição cultural local. Criando nesta empreitada de reconstituição cultural um instrumental técnico que formaria, ao registrar, um ver-

⁵ Extraído de um dos cadernos de anotações de Franklin Cascaes. Esse material pode ser consultado no Museu de Antropologia da UFSC.

⁶ Ibidem, p. 5

⁷ Idem.

dadeiro banco de dados acerca dos usos e costumes da antiga forma oral de transmissão de conhecimento.

2 A meditação sobre a morte de uma cultura: a oralidade retratada

*Se mãos bem fazejas não protegerem o nosso próprio globo
terráqueo com inteligência e serenidade sãs, ele perecerá
afogado com a violência potencial da poeira atômica
hidrogênica.⁸*

Franklin Cascaes

Com uma vida dedicada ao registro cultural local, Franklin Cascaes acabaria legando um dos registros mais ricos acerca da cultura da Ilha de Santa Catarina, além de forjar um olhar sem paralelos nos registros historiográficos e antropológicos catarinenses. Este legado, do nosso ponto de vista, tornou-se realidade a partir da consciência adquirida pelo artista-folclorista frente às mutações de ordem históricas e ideológicas que avançavam impondo, a nível local, um projeto moderno de racionalização global.

Um projeto político que desqualificaria, aos olhos de Franklin Cascaes, toda a tradição local anterior a essa intervenção, evidenciando novas realidades culturais imediatas, construídas segundo novas matrizes de sociabilidade externas às pacatas comunidades pesqueiras. Talvez seja por isso que a sua obra narre ao mesmo tempo dois momentos conflituosos da cultura local. O primeiro momento, repleto de melancolia, diz respeito ao glorioso começo dos belos dias de outrora, do povoamento, das relações sociais harmônicas das comunidades,

⁸ Texto extraído de um desenho sem título, confeccionado por Franklin Cascaes em 1961. Esta obra pode ser consultada no museu de antropologia da UFSC.

das suas crenças e hábitos diários. Entretanto o artista-folclorista, em um segundo momento, narra, também, inquieto, o princípio do fim desta mesma cultura que se vê ameaçada por elementos externos.

O artista não esconde sua paixão pela cultura ilhoa, demonstra com originalidade um projeto apologético de sociabilidade, no qual todos os integrantes dessa sociedade conviveriam de forma igualitária, reunidos pelas relações de trabalho comunitário e pela tradição religiosa. Sua obra registra o despedaçamento de antigos valores culturais frente aos avanços da modernidade. Ressalta o caráter cada vez mais visual que a cultura ocidental passou a exprimir. Cascaes impõe uma virtude partindo de novas percepções vinculadas à oralidade anterior, busca uma nova cultura a partir da experimentação de uma nova tecnologia comunicativa, capaz de expressar, a partir da antiga identidade dos valores orais, um novo reconhecimento técnico-comunicativo, com poder suficiente para garantir a existência desta cultura na era industrial moderna.

3 A técnica de registro

...não são apenas técnicas que se tem de encontrar, mas também formas políticas, motivos, um espírito, razões de viver...

Maurice Merleau-Ponty

Pierre Lévy, em seu livro *As tecnologias da inteligência*⁹ afirma que mutações de caráter técnico dão condições para inversões de caráter histórico.¹⁰ A leitura de Levy nos faz pensar acerca do significado recente da inversão, através da interfe-

⁹ LEVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Trad. Carlos I. da Costa. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1993.

¹⁰ *Ibidem*, p. 7.

rência de Franklin Cascaes, da transmissão do saber pela técnica verbal oral para uma transmissão elaborada por um indivíduo, a partir de uma técnica plástica de transmissão cultural.

Ainda referente a essa inversão técnica efetivada por Franklin Cascaes, citaremos Nicolau Sevcenko, cujo artigo recente para o suplemento *MAIS* da Folha de São Paulo afirma que tudo na sociedade moderna de consumo assumiu uma dimensão estética.¹¹ Para ele é dever do cidadão formular experiências sociais e simbólicas independentes da meditação centralizadora da visão e dos efeitos perversos da imagolatria. Como historiador Sevcenko acredita que, "...a questão mais drástica é lutar contra o aprisionamento das criaturas e grupos em imagens estereotipadas, que pretendem resumir em si mesmas e de uma vez por todas o lugar e o destino daqueles nelas enquadrados".¹²

Cascaes reinventa a cultura local e a oferece ao imediatismo, passando a imprimir um caráter de representação a esta no contexto atual moderno. Pois, falar na atualidade da cultura das comunidades pesqueiras da Ilha de Santa Catarina sem a devida referência à obra de Franklin Cascaes é como negar a virtualidade imposta pelo artista através da sua intervenção. Mesmo por que a cultura ilhoa modificou-se, segundo os olhos angustiados do próprio Franklin Cascaes, dando à oralidade primária um caráter representativo, objetivado através da intervenção de sua obra plástica. Franklin Cascaes emancipou-se do contexto cultural ao criar um método técnico específico e, ao mesmo tempo, original com a intenção de registrar, ao recriar, a tradição oral das comunidades pesqueiras.

A técnica oral primária de comunicação ritualizada no cotidiano, geração após geração, instituiu uma constituição

¹¹ SEVCENKO, Nicolau. *As guerrilhas pela ocultura*. Folha de São Paulo, SP, 14 abr. 1996, p. 5.

¹² *Ibidem*, p. 11.

social que, por conseguinte, efetivaria uma linguagem política responsável pela identificação de saberes específicos, desdobrando-se no interior do processo histórico das comunidades. Constituição esta que, pelo fato de ser oral, forjaria uma lógica de entendimento comunicativo fundamentada na relação hipertextual de reconhecimento. Numa compreensão reconhecida como onipresente, na qual estariam impressas o sentido e a identidade sócio-cultural das comunidades.

Desta forma, a narrativa refere-se a um sentido temporal atual, que molda plasticamente a tradição. Para isso Cascaes elaborou um diálogo plástico (sociocultural) com a técnica oral primária, instituída como relação legítima no âmago do conhecimento acumulado através de gerações sucessivas, que tinham como característica comum fazer da comunicação oral a base de sua bagagem histórica.

O narrador passa a ser visto, assim, como um sujeito que busca uma linguagem ideal para a representação do conhecimento oral passado de pai para filho. Sua obra alimenta o fenômeno moderno da iconolatria ao tratar a imagem pela imagem, sem a devida preocupação com a constituição de uma crítica à nova ordem. Neste sentido, o artista cria para si, e não para as comunidades, uma técnica representativa, elaborada como moldura para o registro da antiga tradição.

4 A política cultural no processo de incorporação ao “moderno”

Se éramos uns desterrados em nossa terra, somos agora uns retratados no lugar e no papel que nos cabe nesse latifúndio.

Nicolau Sevchenko

Pretendemos, neste item, abordar algumas questões referentes a política cultural da Ilha de Santa Catarina. Da sua con-

seqüente incorporação ao moderno, a partir da interferência de Franklin Cascaes; da instituição, através da fixação imagética, do imediatismo na representação dos saberes culturais das comunidades pesqueiras. Evidenciando a interferência civilizatória do projeto modernista, a partir do qual encara-se o elemento cultural como um fenômeno puramente estético a ser observado como virtualidade.

Do nosso ponto de vista, o olhar sobre o óbvio acarretou a pulverização do sentido individual ancestral de reconhecimento coletivo. Pois, o indivíduo “manezinho”, neste processo de envolvimento com a sociedade moderna, passou a ver sua cultura como inferior, frente a estes novos padrões civilizatórios. Perdendo, através da desqualificação de seus hábitos culturais, não só a sua capacidade política e sócio-cultural de se reconhecer como cidadão pertencente a uma comunidade, unida através de laços de identidade e memória; como também seus bens materiais, preferindo vender suas terras, esquecendo os antigos laços, para ir exercer outro tipo de atividade econômica na cidade, conhecida por ele apenas como representação, como um recorte imagético.

Seria apropriado citarmos aqui algumas palavras escritas por Maurice Merleau-Ponty em seu livro intitulado *Signos*.¹³ O estudioso nos fala da separação existente no mundo moderno entre a filosofia e a política, do fato de que todos os filósofos se julgam obrigados a ter uma política que parta da filosofia. Do “uso da vida” furta-se o entendimento, de que “a política do filósofo é aquela que ninguém pratica”.¹⁴ Sem o entendimento existencial da vida não existe consciência política, pois no dizer de Merleau-Ponty, “... como se sabe, sendo a política a *tragédia moderna*, esperava-se dela a solução”.¹⁵

¹³ MERLEAU-PONTY, Maurice. *Signos*. Martins Fontes, SP, 1991.

¹⁴ *Ibidem*, p.4.

¹⁵ *Ibidem*, p.5.

Qual seria a política de Franklin Cascaes? Ou melhor, qual a tragédia deste homem-narrador? Obcecado em registrar, de forma plástica, praticamente todas as manifestações da cultura do “homem alga”, habitante da orla marítima da Ilha de Santa Catarina, quem sabe sua política viria a se instituir a partir de uma lógica dos sentidos? Pois, em muitos momentos, Franklin Cascaes parece querer transferir a tarefa poética de interpretação para o próprio leitor.

De certa forma o artista-folclorista propõe sempre uma anulação do EU produtor, frente ao coletivo observador. Como nos ensina Bachelard em *Fragmentos de uma poética do fogo*,¹⁶ ao refletir com uma delicadeza pueril acerca dos esforços necessários para colocar a história dentro da lenda. Da lenda que não tem data, pois permanece esperando encontrar uma versão nova desde que um poeta descubra novas imagens para ilustrá-las¹⁷.

A obra de Franklin Cascaes contém precisamente o poema do instante. A montagem proposta pelo artista contribui para o aniquilamento da cultura. Sua obra, neste instante, transforma-se em um drama repleto de remorso pela falta do coletivo. O artista concebe a recriação a sós. O terror mítico pertence à solidão do próprio artista, pois a leitura da lenda ilhoa não mais faz estremecer os espectadores. A experiência então não é nada, está pronta para ser assimilada, representada e incorporada, segundo a constituição moderna imediata.

Ao contrário de Zaratustra,¹⁸ Franklin Cascaes é heróico, acredita ingenuamente na cultura por ele retratada, mas demonstra

¹⁶ BACHELARD, Gaston. *Fragmentos de uma poética do fogo*. Brasiliense, SP, 1990.

¹⁷ *Ibidem*, p. 126.

¹⁸ Personagem imaginário, criado pelo filósofo Nietzsche, que insulta a cultura cristã ao criar o anti-herói pertencente a uma cultura não incorporada.

um temor incontido frente aos avanços e transformações espaciais da modernidade. O próprio Cascaes condena a cultura. Ao retratá-la, ele a entrega a um público distante que a observa como representação, como lenda e magia, mas nunca como experiência.

Mas, e se Franklin Cascaes jamais tivesse existido como produtor de registros, bem como de técnicas narrativas específicas, destinadas ao retrato da cultura oral das comunidades pesqueiras da Ilha de Santa Catarina? Certamente ele teria que ser inventado, pois foi a própria cultura da ilha responsável pela existência de Franklin Cascaes. Foi a partir do seu amor por esta cultura que o artista-folclorista encontrou motivos e inspirações para, ao longo de quase cinquenta anos de sua vida, nos legar aquilo que poderíamos chamar de arca “açoriana” ou simplesmente, hipertexto-visceral.

Para o bem ou para o mal, ou melhor, para o bem-estar de alguns, para a ruína de outros, não importa: o que nos interessa é que, atualmente, refletir acerca da cultura das comunidades pesqueiras perpassa diretamente pela obra deste homem que a partir do nada construiu uma verdadeira Arca de Noé para fugir do Dilúvio. Sua Arca sobreviveu ao Dilúvio e, representa hoje, o principal indício para a compreensão das antigas relações sociais, culturais e políticas desenvolvidas por seres humanos viventes em um sociedade pré-moderna. Além disso, a obra nos informa não só do passado da cultura ilhoa, mas ela tem, no presente, importância política fundamental, pois são os reflexos e as mudanças contemporâneas que necessitam ser observadas, entendidas e atualizadas como linguagem política necessária para, futuramente, termos consciência do que queremos como cidadãos da Florianópolis do ano 2000.